

 **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais
Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004**
Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 Coimbra, Portugal
Telef +351 239 85 55 70 Fax + 351 239 85 55 89
**A
QUESTÃO
SOCIAL**
email lusoafrobrasileiro@ces.uc.pt
url <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>
**NO NOVO
MILÉNIO**

O ESTUDO DO LUGAR COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Helena Copetti Callai
Dr. Geografia. Prof. no DCS-UNIJUI
Ijuí-Rio Grande do Sul-Brasil

“A vida reside, habita, mora, aloja-se, não consegue passar sem um lugar .Dir-se-ia que ela desenha e codifica a sua definição; entendendo por esta última palavra aquilo que dela diz a sua etimologia: a atribuição de limites ou de fronteiras, abertas ou fechadas....

Diz-me onde habitas e dir-te-ei quem és “

(Michel Serres- ATLAS)

Na nossa vida, muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É portanto cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento.

Como resultado de reflexões acerca do ensino da geografia e do estudo do lugar, essa temática tem nos preocupado de longa data, e além de leituras e discussões da bibliografia existente sobre a questão, a atenção para as variadas experiências que estão acontecendo nas escolas, na educação básica, em especial no Ensino Fundamental, tem merecido nossa observação. E, por outro lado na formação do professor, nos cursos de licenciatura, em especial no momento dos estágios e da realização do Trabalho de Conclusão de Curso, quando o graduando deve apresentar uma monografia, essa questão é trazida para discussão e merece (no nosso entendimento) o maior realce, pois é fazendo pesquisa que o estudante aprende a pesquisar e é aprendendo a ler o mundo, que ele consegue fazer a sua formação, no processo de construção de sua identidade e pertencimento. A nossa discussão é que estes dois sentimentos tem uma estreita ligação com o território, que é o seu lugar de vida. O reconhecimento destes dois conceitos criam a capacidade/ possibilidade de se entender (a si

próprio) como sujeito que constrói a sua vida, produzindo a sua história e concretizando-a ao construir/ produzir o seu espaço. Esse texto é uma reflexão sobre a questão.

O mundo da vida precisa entrar para dentro da escola, para que esta também seja viva, para que consiga acolher os alunos e possa dar-lhes condições de realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico, e ampliar as suas visões de mundo. Para que isto aconteça a escola deve ser a geradora de motivações para estabelecer inter-relações e produzir aprendizagens, e o professor, o mediador deste processo.

Por outro lado a pesquisa na escola se apresenta como a possibilidade de busca/investigação e produção do conhecimento. Um conhecimento que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como um sujeito que tem uma identidade e que perceba o seu pertencimento, tanto quanto um desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo, trabalhar nele tendo as condições necessárias e viver de modo decente.

E a realidade, quer dizer o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir, significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito. Esta realidade pode ser a cidade (ou o município) que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução em determinado tempo e espaço, do mundo que é o global, do universal. Compreender a lógica da organização deste espaço, permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem. E cada lugar responde aos estímulos gerados externamente (globalmente), de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam. Isto tudo permite que cada lugar possua uma identidade, que são as marcas que os caracterizam. A identidade do lugar permite que as

peças tenham uma identificação com o mesmo, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa a sua identidade singular.

Isto posto, o desafio é procurar compreender como fazer a leitura desta realidade. Não existe dúvida que deve ser através da pesquisa. E daí, vem os questionamentos: como ler a realidade? O que e como ler? Como conhecer o que está no lugar? Como entender as paisagens que ali se configuram? Como observar e reconhecer no espaço as nossas histórias? Como reconhecer nos lugares os resultados materializados das nossas vivências?

A geografia propõe a leitura da realidade através daquilo que é o específico do seu trabalho, que é o espaço construído. Um espaço territorializado que faz parte da vida das pessoas, que é por elas construído, através da sua ação, mas também considerando a sua passividade, a sua não – ação. O espaço é o palco que serve de sustentáculo para as ações, mas ao mesmo tempo ele interfere, possibilitando, impedindo ou facilitando estas ações. Quer dizer o espaço é um território vivo. E para fazer a leitura deste território, a forma de apresentação que ele nos mostra é a paisagem. Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de formas variadas ao longo do tempo. E além disto, a nossa apreensão pode não abarcar a visão de tudo, pois somos seletivos e portanto a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olhar para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons.

Em resumo pode-se dizer que a paisagem de uma cidade é resultado de dados físicos, que decorrem da natureza, tais como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o clima; mas outros também, que são os edificados: os prédios, as ruas, os caminhos, as praças, os monumentos, os símbolos. E há também a história e as diversas histórias particularizadas, a memória, a simbologia, que

expressam os sentimentos, a cultura do lugar. Esta (a cultura) é a síntese, é o que dá a identidade.

A memória é social, é a cultura, a marca da cidade. Mas é também particular/singular , que são os sentimentos os valores, que vão sendo inscritos no espaço e vão nos educando.

Fazer a leitura da paisagem é portanto uma possibilidade para que seja lida a realidade, percebendo a história, o movimento, a mobilidade territorial, a seletividade espacial que é resultado do social. Através da cultura, muitas vezes territorializada no espaço de uma ou de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos tramam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza. Reconhecer a cultura local significa perceber, a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas.

Entendido desta forma a leitura da paisagem se apresenta como uma possibilidade de fazer a leitura da realidade através de tudo o que existe naquele lugar, que se torna visível porque está edificada, materializada no território, e também nas suas entrelinhas daquilo que são os motivos que desencadearam os fenômenos e expressam as relações dos homens entre si e destes com a natureza. É interessante verificar e entender como a cidade acolhe e abriga as pessoas e por outro lado como estas pessoas tratam e cuidam (ou não) da cidade.

Esse olhar espacial, nos permite fazer a leitura do território marcado pela história da vida das pessoas que ali vivem e torna-se fundamental para que não se fique apenas nas descrições do aparente, olhar e conseguir perceber o que está por detrás dessa aparência. Reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas do lugar, significa ler para além da paisagem.

A leitura do lugar, o reconhecimento do que existe, é um passo para a compreensão da realidade. Mas é importante também que seja feita a representação dos fenômenos e das paisagens. A capacidade de representar uma realidade que está sendo vivida permite que ocorra um distanciamento dela mesma, podendo-se compará-la a outras paisagens a outros lugares. A representação que pode ser das mais diversas formas (desenho, texto escrito, mapa, maquete, teatro, vídeo, jornal, etc.) encaminha a uma análise e possibilita uma sistematização. Aí entra outro aspecto que precisa ser considerado, que é a escala social de análise, sem a qual corre-se riscos de não entender as dinâmicas envolvidas, sejam elas sociais, econômicas, políticas, ou naturais. Cada lugar é a seu tempo e a seu modo, uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular.

Depreende-se daí que a leitura da realidade só poderá ser realizada bem, se houver este olhar do universal e das singularidades expressas nos determinados lugares. Portanto a pesquisa deverá ser feita dessa forma, como uma metodologia de trabalho e não como o conteúdo a ser aprendido. Existe todo um conhecimento produzido pela humanidade que precisa ser apropriado em seus diversos aspectos e guardadas as particularidades, pelas pessoas, pelos alunos para que eles possam efetivamente realizar a sua formação como sujeitos críticos e capazes de exercer o seu papel social num mundo em que o contraditório se faz presente cada vez de maneira mais acentuada.

O lugar entendido como a expressão singularizada das questões que são mundiais, exige para a sua real compreensão, considerar os processos de mundialização (ou planetarização como referem alguns autores), pois o mundo se encontra em todos os lugares. As respostas às demandas globais são resultado do grau de compreensão que se tem do/no lugar e as forças organizadas que permitem reconhecer a identidade do lugar são a possibilidade de fazer frente a interesses unicamente externos ao lugar. Por outro lado é adequado

não se perder em interpretações localistas que consideram as particularidades de cada lugar sem reconhecer que é num jogo de forças que se estabelecem as possibilidades que se apresentam. Compreender a lógica da organização do espaço, permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual.e cada lugar responde aos estímulos gerados externamente(globalmente) de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam .

Considera-se assim os conceitos de Grupo, Espaço e Tempo como fundamentais para o aluno compreender-se como sujeito social, que possui uma identidade e reconhece o seu pertencimento territorial, mas também cultural e social. Estudar o lugar permite ao estudante que se aproprie de sua história, e que consiga entender o espaço produzido como uma construção social, em que as histórias das pessoas estão marcadamente na história do lugar, expressas nas paisagens , que materializam as relações entre os homens e destes com a natureza.

A pesquisa é então um princípio para a aprendizagem e exige toda uma postura de fazer avançar o conhecimento. Um conhecimento que não se esgota em si, mas que permite a interface, na análise da realidade, que é local, mas não apenas. Torna-se fundamental conseguir trabalhar com a diferença, que é tanto espacialmente percebida, como é social e econômica, e que acima de tudo pode ser cultural.

Como atividade escolar, a pesquisa é então a possibilidade de cada aluno poder avançar conforme são seus interesses e suas capacidades, buscando as informações que precisa, assim como verificando as bases para dar conta de compreender estas informações. Estes referenciais podem ser trazidos pelas diversas disciplinas, que devem ter como meta principal fazer com que o aluno aprenda a pensar, estabelecendo relações, conexões através dos conteúdos específicos.

As possibilidades de trabalhar com a pesquisa são imensas, inclusive envolvendo os pais, os vários familiares, os líderes locais, enfim dando a palavra para qualquer das pessoas da comunidade, que tiver interesse em contribuir com a escola.

Pode-se trabalhar a partir das aulas de geografia, ou tendo-as como interlocutora num trabalho interdisciplinar, com diversas atividades que lhe são específicas, e que exigem inclusive uma alfabetização cartográfica, a ser desencadeada desde as séries iniciais.

Vejamos algumas possibilidades, de exercício:

- Com o mapa da cidade- traçando itinerários, percorrendo-os, representando-os, fazendo maquetes.
- Com documentos: da história da cidade, da história das pessoas, da sua própria história, construindo linhas de tempo, histórias em quadrinhos, álbuns, quadros.
- Com entrevistas com pessoas antigas, que possam contar como foi o início da ocupação do lugar
- Com entrevistas com as autoridades locais para que expliquem os problemas e as dificuldades existentes
- Com levantamentos com as pessoas, com os grupos organizados, sobre como eles percebem a cidade.
- Com o processo de fragmentação do solo urbano, através de interesses imobiliários, do poder público, do econômico, do político,
- Com a organização dos bairros, com o estudo da história das ruas, com os monumentos, praças, etc.
- Com a rede de transportes urbanos verificando as suas características, os fluxos, a acessibilidade, as ligações importantes.

- Com a verificação de caso em que os aspectos naturais condicionam os processos sociais, e os em que as condições naturais são alteradas em função do uso urbano.
- Com a identificação dos lugares simbólicos da cidade, verificando o que eles representam para a cultura local.
- Com trabalhos de campo que permitam verificar *in loco* as variadas características dos lugares
- Com a participação em eventos
- Com a realização de discussões a respeito de acontecimentos locais e/ou externos e suas implicações na vida cotidiana

Enfim fazer a leitura da realidade através da pesquisa é buscar compreender o mundo em que se vive, com um olhar novo, onde se possa perceber na aparência e por detrás dela também, quer dizer na sua essência, a vida que está sendo vivida. Ao realizar este exercício de investigação é importante verificar as paisagens, que são a expressão da materialização das relações entre os homens e entre os grupos que ali vivem; analisar os discursos das pessoas, ouvindo-os e situando-os no âmbito das realizações, quer dizer das suas práticas; procurar reconhecer a cultura do lugar, percebendo a existência de uma cultura hegemônica e de outras diversas que com certeza existem entre as pessoas.

Se quisermos fazer da escola um lugar para aprender a pensar, para aprender a dominar e manejar instrumentos da tecnologia, para exercitar um pensamento crítico, para construir referenciais capazes de fazer esta leitura do mundo da vida, precisamos descobrir formas capazes de articular a formação do sujeito com identidade e reconhecendo o seu pertencimento, com o trabalho cognitivo capaz de situar o aluno no contexto de uma produção intelectual realizada pela humanidade.

